

O TEMPO NA PESQUISA PSICANALÍTICA

José Luiz Caon*

SÍNTESE – O pequeno estudo do autor trata do tempo na pesquisa psicanalítica implicado no termo e na noção freudianas de *nachträglich* (*après-coup*, no relance) e *Nachträglichkeit* (*effet d'après-coup*, relance). Serve-se de quatro ilustrações: 1) a noção do jogo olímpico chamado revezamento (*relais*); 2) a noção da figura musical de síncope, quando o segundo tempo é forte e o primeiro, fraco; 3) o conto baseado num divertimento de salão, conhecido como o jogo dos três prisioneiros, do qual Lacan extrai preciosas informações, no seu estudo, "Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée, un nouveau sophisme" (1945), (Lacan, 1996, p. 197-213), e que pode didaticamente e, para maior comodidade, ser reduzido ao jogo de dois prisioneiros; 4) a noção obtida a partir da decomposição dos termos recordar e *erinnern*. Fragmentos de conhecimento sobre o tempo, no qual o futuro não é considerado, incita os pesquisadores não psicanalíticos a olhar pela luneta do pesquisador psicanalítico não somente a subjetividade mas também os efeitos que um tal olhar pode *re-produzir* no próprio pesquisador no ato da pesquisa anímica.

ABSTRACT – The author's little inquiry deals with time in the psychoanalytical research implied in the Freudian word and notion of *nachträglich* (*après-coup*) e *Nachträglichkeit* (*effet d'après-coup*). The author implies four illustrations: 1) the notion of the olympic game called *relay*; 2) the notion of the musical configuration of *syncope*, when the second beat (*time*) is strong, and the first one is weak; 3) the little story based on a familiar entertainment, known as the riddle of the three prisoners from which Lacan produces precious informations in his article "Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée, un nouveau sophisme" (1945), (Lacan, 1996, p. 197-213), and that can be didactically, for more advantage, reduced to the riddle of only two prisoners; 4) the notion obtained from the decomposition of the words *recordar* and *erinnern*. Fragments of knowledge about time, in which future isn't considered, instigate the non-psychoanalytical researchers to look through the lenses of the psychoanalytical researcher not ? only subjectivity but also the effects this looking can *re-produce* in researching human soul.

Introdução

"O tempo faz passar o amor, o amor faz passar o tempo."
(Provérbio de um velho capitão)

Pode ser uma ironia, mas pesquisa psicanalítica não tem futuro, porque, em psicanálise, não há futuro. Os que, com o método de pesquisa psicanalítica, buscam o futuro, não o encontram. Os que o encontram, com outros métodos, afirmam-no somente como ilusão. A idéia de futuro ainda continua sendo uma das maiores, senão a maior ilusão do filósofo, assim como o são a *idéia* de Deus para o

* Doutor em Psicanálise e Psicopatologia.

teólogo da não-negatividade, a *idéia* de paraíso ou bem social coletivo para o sociólogo ou político, a *idéia* de saúde para os diferentes profissionais dessa área, e a *idéia* de educação para os educadores.

A pesquisa psicanalítica, cujo método, por enquanto, é o único capaz de aceder ao inconsciente (psíquico), opera sem a noção de *Aufhebung* hegeliana e a do trio de princípios de identidade, não-contradição e terceiro excluído da lógica formal clássica ou simbólica, consistente ou para-consistente. Entretanto, para efeitos de comunicação com o outro, o pesquisador psicanalítico submete-se ao *logos* dessas lógicas. De outra maneira, como poderia produzir legibilidade e audibilidade nos textos orais ou escritos na comunicação das pesquisas psicanalíticas? De fato, como nos diz Jacques Lacan, se, por um lado, "le style c'est l'homme", por outro lado, esse homem é também "l'homme à qui l'on s'adresse" (Lacan, 1966, p. 9).

Ao referir-se ao tempo, a pesquisa psicanalítica serve-se dos termos e das noções de *nachträglich* e *Nachträglichkeit* que, em francês, dão *après-coup* e *effet d'après-coup* e, em português, *no relance* e *relance*.¹ Pode-se dizer que o termo e a noção de *Aufhebung* está para o dialético hegeliano-marxista assim como o termo e a noção de *Nachträglichkeit* está para o metapsicólogo freudo-lacaniano. A noção psicanalítica de tempo, em dois tempos (presente, passado), pode aparecer com maior fulgurância, a partir de algumas ilustrações. Apresento ao leitor quatro ilustrações, pois que o objetivo do presente trabalho visa apresentar breve e sucintamente, ao pesquisador não psicanalítico, a maneira como o pesquisador psicanalítico tenta haver-se com o tempo: 1) a noção do jogo olímpico chamado revezamento (*relais*); 2) a noção da figura musical de síncope, quando o segundo tempo é forte e o primeiro, fraco; 3) o conto baseado num divertimento de salão, conhecido como o jogo dos três prisioneiros, do qual Lacan extrai preciosas informações, no seu estudo, "Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée, un nouveau sophisme" (1945), (Lacan, 1996, p. 197-213), e que pode didaticamente e, para maior comodidade, ser reduzido ao jogo de dois prisioneiros; 4) a noção obtida a partir da decomposição da palavra recordação (entrar *coraçõamente* (Guimarães Rosa) no coração, ou *Erinnerung* (entrar no dentro...).

O tempo concebido a partir da noção de *nachträglich* e *Nachträglichkeit* ressignifica, *re-signa* e posiciona diferentemente o pesquisador e o profissional da escuta psicanalítica. Esse posicionamento fica notavelmente específico no que se refere à técnica e à ética da práxis psicanalítica.

Na técnica, o profissional da escuta psicanalítica liberta-os da escravidão supersticiosa ao relógio crônico. Todos sabemos que toda sessão psicanalítica é sempre interrompida ou suspensa. Quando se confia essa interrupção ou suspensão ao relógio procede-se supersticiosamente. Em que é diferente confiar o término da sessão psicanalítica quando se utiliza o resultado a uma posição dos dados ou resultado de uma posição dos ponteiros do relógio?²

Na ética, o pesquisador acede a uma exceção ao jugo da repetição a serviço do sempre o mesmo, a Morte, (*Wiederholungszwang*, que traduzo por coerção itera-

¹ O ponto, no fim da frase, faz com que toda leitura seja uma releitura. O ponto relança a leitura tornando-a efetiva.

² Sobre superstitição, ver em FREUD, 1901b, *Psicopatologia de la vida cotidiana*. Capítulo XII.

tiva, embora Lacan prefira *automatisme de répétition*). Entretanto, essa certa exceção não exime o pesquisador psicanalítico da referência à Morte como seu Mestre Absoluto.

Assim, a questão metapsicológica dele³ interroga se existe uma vida como intervalo entre esse silêncio de morte eterna, do qual procede a vida e qualquer singularidade psíquica, como acidentes felizes, e para o qual silêncio, a vida é toda singularidade psíquica dirigem-se irrevogavelmente. Ou será essa a ilusão consoladora e dissimulada do pesquisador psicanalítico?⁴

1 – Jogo olímpico do revezamento

Um jogo olímpico, conhecido pelos brasileiros como revezamento, é chamado, em francês, com nome de *relais*. O campo é uma pista circular, sobre a qual disputam duas equipes de corredores, cada uma composta de quatro ou cinco participantes. O objetivo é de fazer com que cada participante dê uma volta olímpica carregando o bastão, entregando no fim de sua volta ao jogador que está iniciando a próxima. Assim, o bastão é carregado por um corredor diferente, substituído a cada início de nova volta. Ser vencedora a equipe que, revezando-se a cada nova volta, conseguir o mais depressa possível fazer o bastão fazer tantas voltas quanto é o número de jogadores componentes da equipe.

Podemos ver que o bastão carregado pelo primeiro corredor de uma equipe deve ser entregue, no fim da primeira volta, ao segundo corredor da mesma equipe, e assim sucessivamente. Nesse procedimento, a equipe dos corredores se renova a cada novo percurso circular. Entretanto, o bastão continua o mesmo e não é renovado: ele, por si somente, é como uma equipe perpétua, um *motto perpetuo*. Porém, sem a renovação perene dos corredores da equipe, ele não poderia manifestar seu movimento perpétuo.

Observando-se a manifestação do movimento continuado do bastão e o movimento interrompido de cada corredor da equipe, constatamos dois tipos de repetição, no jogo olímpico de revezamento: no fim de uma volta e no início de outra, dá-se, por um lado, um movimento de troca e de substituição de corredor e, por outro lado, há um movimento de continuidade e de permanência do bastão. Dessa maneira, a cada movimento circular do bastão, correspondem efeitos diferentes: iteração e renovação. Há uma insistência geradora de uma iteração pura e simples e outra geradora de uma renovação. De um lado, esquecimento e amemoração e, de outro, celebração e rememoração. Podemos dizer, tentando expressar, numa oposição mais contundente: temos simultaneamente, de um lado, a insistência e a permanência do mesmo e, de outro lado, a renovação e a mudança do mesmo.

³ Metapsicologia é o gênero literário de ensaios científicos que trata psicanaliticamente da constituição dos confins da subjetividade, refundando, na situação psicanalítica de pesquisa, a experiência psicanalítica fundada na situação psicanalítica de cura.

⁴ "si uno mismo está destinado a morir, y antes debe perder por la muerte a sus seres más queridos, preferirá estar sometido a una ley natural incontrastable, la sublime *Ananké*, necesidad, y no a una contingencia que tal vez habría podido evitarse, pero esta creencia en la legalidade interna del morir acaso no sea sino una de las ilusiones que hemos engendrado para 'suportar las penas de la existencia.' (Schiller, *Die Braut von Messina*, acto I, escena 8)." (FREUD, 1920g, AE, XVIII, p. 44, "Más allá del principio de placer").

Tanto o primeiro como o segundo são movimentos de repetição, e como tais são semelhantes. Mas, diferenciam-se pelos seus efeitos: um provoca uma perpétua permanência ou conservação; outro, uma troca ou renovação. Observemos que o movimento é o mesmo tanto para o bastão que percorre a pista circular como para os jogadores da equipe que se revezam. O bastão percorre a pista num movimento perpétuo e infinito, enquanto que a equipe percorre essa mesma pista em movimento temporário e finito. O que constitui o jogo é o engate dos dois movimentos: temos a vida cavalgando a morte que, paradoxalmente, somente pode cavalgar a morte, quanto toma o comboio da morte.

O presente é a vida, o passado é a morte. Irresistivelmente, como o corredor da equipe de revezamento, progredimos para o ponto de onde partimos. O nosso "futuro" é esse; e esse "futuro" não é uma ilusão. Se o for, será a única ilusão consoladora que, por enquanto, o pesquisador psicanalítico não pôde vencer. Vencê-la-á algum dia?

2 – A figura musical chamada síncope

Para o Aurélio, a síncope é um som articulado sobre um tempo fraco ou parte fraca de um tempo, prolongado ou prolongada sobre o tempo forte ou parte forte do tempo seguinte. Esse fenômeno aparece mais claramente, por exemplo, num texto musical de compasso ternário. Sabemos que o tempo 1 é mais forte que o tempo 2 e 3 e que o dois é mais fraco que o 3, sendo portanto o mais fraco de todos. Se a percussão ou sopro para formar um som devem ser iniciados no tempo dois e prolongar-se no tempo 3, então estamos perante a figura musical da síncope.

A música que está metricamente organizada e estruturada apresenta uma certa regularidade. Entretanto, essa regularidade pode ser alterada. O ouvinte, tendo retido em sua memória o padrão de regularidade e de estruturalidade da música, percebe o "acontecimento irregular" que contradiz a ordem rítmica estabelecida. Assim, um tempo normalmente fraco pode ser acentuado; o resultado é a sincopação, ou uma acentuação que opera contra métrica rítmica prevalente. Ademais, um tempo forte pode, às vezes, ser completamente suprimido. Desta maneira, uma música metricamente complexa acostuma o ouvinte a manter-se num grau de tensão e de expectativa, situando-o num sistema abstrato de regularidades. Esse sistema abstrato pode ser apoiado ou alterado pelo fluxo do ritmo. São essas surpresas que dão à música uma certa graça e um certo charme. Essas alterações não destroem a estrutura rítmica. Elas a ressaltam e a realçam. Com o pequenino fósforo aceso que não destrói a noite, mas lhe revela a imensidão, assim uma síncope ou procedimentos análogos na música, a *Nachträglichkeit* e processos análogos na vida anímica, desvelam, por contraposição, a natureza do campo no qual se encontram inscritos e inseridos.

Pareceria que a vida como um acidente feliz desvelou a imensidade e a eternidade de um tempo que queria ser uma *aeon*, pura e simplesmente. O acontecimento singular que desvenda uma regularidade do passado anímico e comociona toda uma estrutura anímica não é nada inocente ou anódino. O estampido de um trovão, por mais amedrontador que seja, produz menos efeitos na mente do sujeito

do que o ruído de um alarme, apenas pressentido imaginariamente, fantasiosamente ou alucinadamente...

3 – O tempo lógico do raciocínio que inclui o raciocinador, ou de uma pesquisa da mente que inclui o pesquisador

Era uma vez dois prisioneiros. O diretor da prisão propôs-lhes um problema. Quem resolvesse o problema, ficaria livre da prisão. A resolução não poderia fundar-se em argumentos prováveis, mas somente lógicos, certos, imbatíveis.

O problema era o seguinte: o diretor tinha três etiquetas, duas brancas e uma preta. Grudou uma etiqueta na testa de cada um dos dois prisioneiros e escondeu a outra. Partindo da *observação* de um pelo outro, *reciprocamente* e *ao mesmo tempo*, cada qual deveria deduzir a cor da etiqueta grudada na própria testa. As possibilidades logicamente são duas e não mais do que duas, a saber:

- 1) – um tem etiqueta branca e outro tem etiqueta preta;
- 2) – um tem etiqueta branca e outro tem etiqueta branca.

Raciocínio para a primeira possibilidade: O portador da etiqueta branca "vê" na própria percepção da etiqueta preta na testa do outro: "Meu companheiro tem etiqueta preta. A minha é necessariamente branca." Nesse caso, ao ver que o outro tem etiqueta preta, o portador da etiqueta branca concluir *imediatamente e sem hesitação*, que somente pode estar portando etiqueta branca. Entretanto, o portador da etiqueta preta, ao ver a etiqueta branca na testa do outro, ficar *perplexo e hesitante*. E, nessa perplexidade e hesitação perder a parada.

Raciocínio para a segunda possibilidade: Os dois prisioneiros estão em pé de igualdade, pois ambos têm, na testa, etiqueta branca. De nada adianta ver e perceber na testa do outro a etiqueta branca. Ambos ficarão *perplexos e hesitantes*. E cada um concluir a partir da *perplexidade e da hesitação* do outro. Parece, que nessa situação, a perplexidade ou a hesitação de um perante a perplexidade e a hesitação do outro produzem solidariamente certeza...

Nessa situação, após um momento de angústia, os dois prisioneiros concluem simultaneamente e se escapam solidariamente da prisão. Um deu ao outro aquilo que cada qual não tinha: a certeza. Na situação anterior, um prisioneiro corre para anunciar ao diretor da prisão o raciocínio empírico fundado na observação imediata. O outro prisioneiro ao ver a disparada do primeiro, partindo sem duvidar, sem hesitar, sem angustiar-se, sem sofrer nenhum impasse e nenhuma perplexidade, poder sair em disparada também. Poderia ganhar graças às suas boas pernas? Não, pois isso não conta no tempo lógico. Tempo cronológico, durabilidade na prática, essas coisas não passam de tempo cronometrado e *imaginizado*. Mas, tempo lógico não é medido a cronômetro! Tempo lógico ou é ou não é: não é curto nem longo. Não demora para passar nem passa depressa! Eis, mais ou menos, o raciocínio que os dois prisioneiros fazem simultaneamente:

Se ele tivesse visto etiqueta preta na minha testa, teria concluído instantaneamente que ele só poderia ter etiqueta branca. Mas, como não concluiu instantaneamente, pelo contrário, se deteve, hesitou, duvidou, ficou perplexo, se angustiou com o que viu, então não viu etiqueta preta na minha testa. Então tenho etiqueta branca na minha testa!

Uma advertência para os pesquisadores em geral: As pesquisas empíricas não angustiam nunca, a não ser quando as verbas não conseguem ser justificadas? Ou quando fica ameaçado o prestígio, ou abalado o poder do pesquisador? Mas, não é verdade que os pesquisadores se angustiam quando a hipótese, a famosa hipótese, tão ciosamente mantida com antecipação, vem correr perigo? Isto não pode ser remediado ao se controlar e forçar o controle das variáveis intervenientes, essas miseráveis intrusas, principalmente quando são do campo da subjetividade? E tudo não fica bem?

Como, perante todas as leis normativas, se tu não te adequas à lei-norma, quem vai mudar não é a lei, serás tu, ficando desde a possibilidade de seres bem controlado até a possibilidade da expulsão, excomunhão, banimento, morte. Não é assim que se busca e se mantém o poder e sua verdade? Que dizer dos que pesquisam a mente e descartam a subjetividade? Ou a tomam como impostora, distorcionadora, viés impuro?

Mas, a subjetividade na pesquisa, tanto a do pesquisador quanto a do outro, são elementos lógicos para a descoberta da verdade. Não é verdade, pois, que fica demonstrado que a verdade subjetiva é elemento de avanço e não de percalço na pesquisa da mente?

4 – Re-cordar e Er-innerung

As línguas portuguesa e italiana guardam o verbo recordar e *ricordare*, do latim *recordare*, cuja etimologia significa um movimento regrediente, marcado pelo prefixo "re", em direção ao coração. Indica com bastante expressividade uma experiência psicológica à qual se aproximam, como podem, os verbos *erinnern*, alemão, *se souvenir*, francês e *to remember*, inglês.

Interrupção

Os lógicos hegelianos e marxistas imperam soberanamente com o o termo e o conceito de *Aufhebung* que lhes possibilita todas as sínteses, totalizações e futuros. O pesquisador psicanalítico procede fragmentariamente. As garantias do relance e da ex-posição encurralam-no a crer que a única pergunta viável sobre o futuro consiste em interrogar se existe uma vida antes da morte...

Referências

- FREUD, S., *Psicopatología de la vida cotidiana*, (1901b). BA: AE⁵, VI, 1991.
———. *De la historia de una neurosis infantil (el "Hombre de los lobos")* (1918b). BA: AE, XVII, 1991.
———. *Além do princípio do prazer* (1920g). BA: AE, VI, 1991.
LACAN, J., *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966.
LAPLANCHE, J., "Temporalité et traduction, pour une remise au travail de la philosophie du temps" (1989). In: Laplanche, J., *La révolution copernicienne inachevée (Travaux 1965-1992)*. Paris: Aubier, 1992.
LAPLANCHE, J. et PONTALIS, J. -B., *Vocabulaire de la Psychanalyse* (1967), Paris: PUF, 9. ed., 1988.